

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
SHEILA LOPES MARTINEZ

MEMORIAL
UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E NÃO ACADÊMICA

MATINHOS
2015

SHEILA LOPES MARTINEZ

MEMORIAL
UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E NÃO ACADÊMICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
finalização para obtenção do diploma no curso de
Licenciatura em Artes, pela Universidade Federal do
Paraná- Setor Litoral em Matinhos/Pr.

Orientação: Prof^a Dr^a Luciana Ferreira

MATINHOS
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Professora Ma. Luciana Ferreira_____

Professor Me. Everton Ribeiro_____

Professor José Luiz de S. Santos _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo por todo apoio e incentivo dedicado a mim durante os estudos, agradeço aos mestres que fizeram parte dessa trajetória, mais diretamente aos professores Luciana Ferreira, Gisele Kleimann, Judson Lima e a memória de Jussara Araújo. Agradeço ainda todos os meus companheiros de turma com os quais eu “cresci e amadureci” nesse tempo, e de forma direta ao amigo José Luiz por toda generosidade e ajuda dispensada a mim.

Por fim agradeço a meus pais pela colaboração corriqueira e a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse em minha vida, me presenteando com grandes ensinamentos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	2
2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA A PARTIR DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE	4
2.1 O Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral	6
2.2 Relação entre FTP's, ICH's e PA	8
2.3 Projetos de Extensão	9
2.4 Estágio Supervisionado e Processo Seletivo Simplificado (PSS)	10
3 EXPERIÊNCIAS FORA DA ESCOLA: Vivências Paralelas	11
3.1 Criações e Trabalhos Artísticos	12
3.2 Registro Profissional de Atriz	14
4 ILHA DE SÃO MIGUEL, LITORAL DO PARANÁ: Relato de um Projeto	15
4.1 O Projeto e sua Idealização	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

RESUMO

O objetivo deste memorial é o de apresentar a trajetória acadêmica e não acadêmica da autora no Curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Para tanto, foi realizado um levantamento de todas as experiências vividas nos quatro anos do curso, e feita uma reflexão e análise de como estas mesmas experiências fundamentaram a profissionalização da autora – tanto na área das artes, como na área da arte-educação. Aborda de maneira geral, o contato da autora com as diversas linguagens artísticas, bem como as experiências vividas dentro e fora da universidade e experimentadas na educação formal, não formal e informal. Além disso, traça os primeiros contatos da acadêmica com a UFPR - Litoral e seu diferenciado Projeto Político Pedagógico (PPP), composto por Fundamentos Teórico Práticos (FTP's), Interações Culturais Humanísticas (ICH's) e Projetos de Aprendizagem (PA's); bem como sua participação em projetos de extensão como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), o Programa de Iniciação a Docência (PID) e a Cia Teatral UFPR Litoral. Apresenta por fim, relatos de experiências que foram vividos em cada um desses tempos e espaços e que foram marcantes e cruciais para o crescimento e maturação da estudante e profissional. Por fim, o Memorial descreve as experiências artísticas, realizadas pela autora e expõe o que tem sido praticado e idealizado, bem como histórias e criações, revelando também as inspirações e as aspirações futuras de sua vida profissional.

Palavras-Chave: UFPR Litoral, Arte, Teatro, Formação.

1 INTRODUÇÃO

Estimulada à leitura desde a infância por minha mãe, que concluiu seu ensino escolar na quarta série primária, aprendi a ler antes mesmo de iniciar meus estudos, o que se deu em escolas públicas, com exceção da pré-escola. Após a quinta série, me desinteressei pela escola, provavelmente, por não me adequar à forma de ensino tão tradicional da época. Reprovei duas vezes e fiquei sem estudar por um ano, concluindo o segundo grau de forma bastante desgastante. Nesta época, uma graduação definitivamente não fazia parte dos meus planos, pelo menos até trabalhar no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá (FAFIPAR), hoje integrada à Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Nesta instituição entrei em contato com professores e alunos e pude perceber então que, o ingresso em uma universidade poderia tirar um trauma carregado por mim durante toda vida estudantil. Não havia garantias, mas meu interesse se tornava cada vez maior.

Integrante de uma família de músicos autodidatas, sempre fui incentivada a produzir Arte. Apresentava-me publicamente cantando com primos e tios que tocavam violão e outros instrumentos. Tal contato serviu para que eu entendesse que eu era muito desinibida, desde a infância. Assim, junto ao desejo de ingressar na universidade, aproveitei a possibilidade de fazer um curso numa área que me agradasse e assim aconteceu meu reencontro com a Arte, especificamente com o teatro. Meu primeiro contato com ele, na verdade, aconteceu enquanto ainda era criança, assistindo a uma peça teatral gratuita em praça na cidade de Paranaguá/Pr. Mas foi na igreja que este envolvimento se aprofundou, através de um convite para apresentar um auto de Natal. Na ocasião consegui até chorar em cena. Eu tinha 10 anos e alguém naquele momento me disse que eu era uma boa atriz, acreditando, passei a estar sempre disposta a enfrentar novos desafios nesta área.

Meu trabalho posterior aconteceu através do personagem Verônica, durante a encenação em 1998, da “Paixão de Cristo”. Esta foi uma experiência profunda para uma iniciante. Na sequência, por volta dos meus 13 anos em uma Cia. de Teatro, apresentei algumas peças, mas ainda guardava grandes

expectativas com isso, me sentindo bem fazendo tais participações. Após esta experiência fiquei um bom tempo longe do teatro. Então, no ano de 2007 conheci um grupo que trabalhava com artes, e participei de uma reunião com o mesmo, além de três oficinas de teatro, mesmo havendo tantas linguagens artísticas à disposição.

Este “encontro” despertou em mim algo que estava adormecido e resolvi então buscar mais. Apareceram convites para me apresentar e também para ministrar oficinas, e nessas oficinas, colocava a prova toda a minha bagagem artística e aprendi muito, cresci e várias vezes me surpreendi com os resultados das trocas de vivências entre mim e todos envolvidos. Mais tarde, a partir de algumas leituras, entendi que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.12), e me identifiquei muito com tal linha de pensamento. Decidi investir tudo que pude em cursos, por um mês participei de um projeto chamado “Espaço das Artes”, que era uma escola de férias itinerante. Nesta ocasião estudei teatro em tempo integral por onze dias e ali a teoria e a prática estavam em sintonia e depois de muito treinamento, realizei junto ao projeto algumas apresentações nas ruas do litoral paranaense.

A cada três meses participava de um novo curso, e novos convites para ministrar oficinas de teatro iam acontecendo. Através destas oficinas percebi a necessidade de me especializar na área, momento em que fiquei sabendo por intermédio de uma amiga sobre o curso de Licenciatura em Artes da UFPR Litoral, e assim, após dez anos sem um estudo formal e entrando pelo sistema de cotas para alunos de escolas públicas no vestibular, fui privilegiada a ingressar na Universidade.

Meu interesse pelo curso de Artes estava, principalmente, nas possibilidades de aprendizado no teatro, de levá-lo a mais lugares e a mais pessoas, principalmente aos que ia conhecendo em minhas mudanças e viagens como mochileira. Sempre tive como objetivo tornar o teatro algo mais acessível, tal como foi apresentado a mim. Entretanto, não sabia bem o que esperar de um curso de Licenciatura, e isso não era exatamente meu foco, principalmente pela falta de conhecimento até então sobre a educação em nosso país. Isso se confirmou nos estágios supervisionados que tive que realizar nas salas de aula das escolas públicas do litoral do Paraná. Mas a “palavrinha” teatro, como uma das linguagens disponibilizadas no curso, “me convocava”.

Quando o curso teve início eu estava muito empolgada e logo no primeiro semestre do curso a teoria e a prática da arte e algumas possibilidades de ensino foram-me apresentadas – sempre de forma muito reflexiva, analítica e crítica. Inclusive, as discussões no âmbito escolar sobre o professor, o aluno e a educação pautaram todo o processo, “produzindo arte em mim”. Ana Mae Barbosa elucida bem o que senti, quando diz que:

Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2005, p 292).

Diante deste breve relato introdutório sobre minha trajetória educacional, meu foco principal neste memorial é apresentar minha trajetória acadêmica no Curso de Licenciatura em Artes, que me fez conhecer e experimentar novas práticas e teorias artísticas e que ampliou, sobremaneira, meus horizontes. Especialmente, no meu caso, o que diz respeito à arte teatral.

2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA A PARTIR DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Com ingresso na Universidade, pude perceber a diferença entre o método de ensino desta instituição em relação à outras instituições de ensino superior pelas quais já havia passado ou ouvido falar. Desde a maneira como são organizadas as carteiras nas salas de aula, que a princípio me causou grande desconforto diga-se de passagem, até a atitude como aluna de graduação que me propuseram em todos os espaços. Mais tarde pude entender como estas coisas tão simples foram capazes de provocar uma grande mudança em mim, me fazendo desconstruir conceitos e reconstruí-los de muitas outras maneiras. Aprendi a expor minhas opiniões olhando nos olhos dos que me ouvem, aprendi a discutir e refletir com maturidade e desta forma a ter liberdade com os professores. E muitas coisas começaram a fazer sentido para mim.

Penso que posso até relacionar este processo às seguintes afirmações sobre arte:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade – todos esses são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (BARBOSA, 2005, pág. 293).

No primeiro semestre do curso fui apresentada a algumas questões práticas e teóricas da docência, caminho que na verdade mal enxergava que estava trilhando, embora soubesse que o curso me propiciaria isso. No ano seguinte ao meu ingresso na UFPR, por incentivo de alguns amigos já formados, resolvi me inscrever no Processo Seletivo Simplificado (PSS) para o quadro provisório docente do Governo do Estado do Paraná, para ministrar aulas em escola públicas. Com apenas um semestre cursado em Artes, optei por lecionar 20 horas semanais no período da tarde, essa responsabilidade foi um fardo para mim no início, mas de grande valia, o que pude perceber depois. Tive muitas dificuldades em meus primeiros contatos com a sala de aula, não entendia muito bem como colocar em prática tudo que estava aprendendo na universidade. Além do mais, minhas experiências anteriores diziam respeito apenas a linguagem teatral e até aquele momento a Universidade não havia ainda me proporcionado contato com as outras linguagens da Arte.

Pude perceber neste momento o quanto a teoria era importante e fazia parte de um processo de crescimento necessário. Teorizar a Arte me proporcionou um relacionamento mais profundo com os professores da Universidade, me auxiliou a rever meus planos de aula, ampliando meus horizontes dentro e fora da UFPR, além de me situar na área da educação. Isso também me proporcionou um autoconhecimento, o que me deu a certeza de que queria ser uma professora de Arte.

Ao longo do curso fui me adequando a muitas coisas que me eram apresentadas. Percebi que até então vivia sob um padrão ou um molde escolar pré-estabelecido e que a desconstrução disso me causou uma grande sensação de liberdade. Assim, passei a entender o lema da UFPR Litoral: “Autonomia”. O que me levou ao encontro de novas possibilidades e mostrou-me que como pessoa posso ser aquela que busca, ora no coletivo, ora na individualidade, fontes de conhecimento e autoconhecimento.

2.1 O Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da UFPR Litoral, percebo que existe um tripé pedagógico que se estabelece pela união dos Fundamentos Teóricos e Práticos (FTP's)¹, das Interações Culturais e Humanísticas (ICH's)² e dos Projetos de Aprendizagem (PA's)³. Em uma análise mais aprofundada sobre a essência educacional dessa Universidade, constatei que o PPP:

(...) prevê a promoção da educação pública integrada, visando o desenvolvimento sustentável de toda a região litorânea do Paraná. A proposta pedagógica da UFPR Litoral é baseada em projetos e desenvolvida junto às comunidades locais, buscando contribuir decisivamente para o desenvolvimento científico, econômico, ecológico e cultural. Isso propicia uma forte interação entre a comunidade da UFPR Litoral e a comunidade litorânea na construção de um novo ciclo de desenvolvimento regional (UFPR LITORAL, 2015).

E o fato é que fiz parte desse desenvolvimento, pois, durante todo tempo que estive inserida no curso, pude interagir através dos FTP's, ICH's e PA não só com os colegas de classe e professores, mas com muitas pessoas de vários lugares do país que por ali passam. Os FTP's do Curso de Licenciatura em Artes apresentam-se em forma de módulos semestrais, e a partir deles tive contato com diversas temáticas sobre a Arte e a Arte-educação. A teoria e a prática embutidas nos FTP's revelaram-se indispensáveis para os processos de tudo que tivemos que produzir durante os quatro anos do curso.

Entendo que vivemos numa era em que tudo é muito imediato, as pessoas querem tudo para o agora, e não valoriza o processo de aprendizado, o

¹ Na UFPR Litoral os conhecimentos científicos são trabalhados como meios no processo de formação, em módulos semestrais. Eles atendem às diretrizes curriculares de cada curso.

² São atividades que promovem a interação vertical (estudantes em fases diferentes dos cursos) e horizontal (estudantes de cursos diferentes no mesmo espaço). Nessas interações, construídas simétricas e dialogicamente entre estudantes, comunidades e servidores, são valorizados os diferentes saberes e lugares culturais que compõem a vida social.

³ Cada estudante constrói seu Projeto de Aprendizagem, desde o primeiro ano de ingresso na Universidade. Os PA's permitem que os indivíduos construam o seu conhecimento de maneira integrada, percebendo criticamente a realidade. O estudante alia o aprofundamento metodológico e científico à preparação para o exercício profissional, desenvolvendo habilidades de auto-organização e produtividade.

crescimento, o entender antes do fazer e o aprender antes do desenvolver. Processos que vejo como cruciais para o desenvolvimento do conhecimento.

Outra característica bastante interessante neste PPP são as abordagens avaliativas dos FTP's, das ICH's e dos PA's, são realizadas na forma de Conceitos e a Evolução do Estudante é representada por siglas (APL, AS, APS e AI). APL significa que o estudante obteve uma provável "Aprendizagem Plena" com Evolução Normal, AS que é visto como "Aprendizagem Suficiente" com Evolução Mediada, APS que representa "Aprendizagem Parcialmente Suficiente" e o estudante precisará passar pela Semana de Estudos Intensivos (SEI), como uma espécie de recuperação e AI que é considerada como "Aprendizagem Insuficiente", em que o estudante será reperiodizado ou reprovado no módulo (UFPR, 2008, pág. 33). Esta forma de avaliação também contribuiu para o fim de meus traumas escolares.

As ICH's foram de grande valia para o meu aprendizado, pois, através disso tive acesso a muitas coisas novas, que acrescentaram outros pontos de vista para minha formação. A ICH é espaço que auxilia no conhecimento do aluno e abrindo as portas da universidade para a comunidade. O contato com temas diversificados me proporcionou novos conhecimentos, utilizando espaços que iam além do teatro e, ao mesmo tempo fazendo com que o teatro fosse a todos os lugares. Mais foi em propostas na área teatral que a pedagogia se transformava em experiências, à exemplo do ICH de teatro mediado pelo professor Everton Ribeiro, onde minha reflexão partiu de como levar o aluno à busca da verdade de forma prática e envolvendo-o na cena. A experiência foi muito mais observada como docente do que vivenciada como atriz. Mais tarde pude também propor uma oficina de "Clown" que visava penetrar no mundo do palhaço, descobrir algumas características desse personagem e contribuir como facilitadora desse processo na pesquisa pessoal de cada participante. Ter um olhar de maneira ampliada, discutir, refletir e estar aberta ao novo através de experiências de colegas de todos os cursos me fez ver o quanto podemos crescer na nossa área de interesse, principalmente se inter-relacionar com todas as outras. Há, nestes espaços uma troca genuína de conhecimentos, que contribuem profundamente com as experiências vivenciadas no curso.

No primeiro semestre, tive contato com os PA's, que instigaram em mim, a idealização de um projeto de pesquisa que me possibilitou colocar ideais,

sonhos e planos em prática. A princípio, para a produção do PA, formei uma dupla com uma colega de turma com o intuito de pesquisa “Arte Terapia”, que trabalhamos teoria e prática orientadas pelo Professor Dr. Judson Gonçalves de Lima. A pesquisa se mostrou muito abrangente, sendo cada vez mais difícil, para nós, conseguirmos compreender nosso campo de atuação, pois, na Arte Terapia necessita-se de um grande aprofundamento nas questões psicológicas. Desta forma, a proposta foi perdendo força e foi finalizada. Mas, todas as partes deste tripé me fizeram entender o quanto é importante estar conectada a um processo que abrange a teoria, prática e conhecimentos trazidos por nós acadêmicos e pessoas da comunidade.

2.2 Relação entre FTP's, ICH's e PA

Entender e estar inserida neste sistema de ensino me fez ver que a graduação não era um “monstro” e que eu podia ser sim uma professora de Arte, porém, após três semestres, precisei trancar a matrícula no curso por motivos pessoais, com isso, terminei minha parceria no PA, e quando regressei para Universidade optei por afunilar o tema anterior e o modifiquei para Teatro Terapia, mediado pelo Professor Me. Everton Ribeiro, que é docente e pesquisa na área da pedagogia do Teatro. Pude aproveitar muito da pesquisa anterior, além de muitas ideias que precisavam ser resgatadas para serem utilizadas no momento certo. O professor Everton me auxiliou muito neste processo, me apresentando referências bibliográficas e me apontando possibilidades para o trabalho prático.

Ao longo do processo descobri um novo tema, algo com o que realmente gostaria de trabalhar, e decidi novamente fazer uma mudança, tendo em vista o encerramento do contrato do professor Everton, junto à Universidade. Desde então passei a ser mediada pela Professora Dra. Jussara Araújo (In Memoriam). Como mediadora ela me incentivou a começar pela prática, o que me deixou muito animada por finalmente transformar ideias em ação. Então, pude desenvolver intervenções culturais e artísticas, todas previamente planejadas. E realizei nesta época atividades na Ilha de São Miguel, localizada no litoral paranaense.

As atividades se desenvolveram com os alunos do Colégio Estadual Povoado São Miguel. Este projeto me proporcionou grande aprendizado e satisfação pessoal. Algo que me deixa bastante entusiasmada é o fato de eu ter já

encerrado o projeto, mas ainda continuo envolvida com a temática. A princípio, ele faria parte, inclusive de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas, conclui que narrar minha trajetória acadêmica como um todo seria muito mais proveitoso.

Os módulos FTP's realizados no período de graduação compreenderam os mais diversos assuntos e modalidades de arte, além da docência. No PA pude perceber, na prática, as dificuldades que são inerentes a um processo longo e provocativo. Nas ICH's tive a oportunidade de participar de tudo um pouco, inter-relacionando de forma bastante criativa e inusitada todos os conhecimentos.

Estes espaços me oportunizaram vivências em vários segmentos, viagens, pesquisas, novas amizades, aprendizados, acontecimentos, etc. Algumas dessas vivências ficaram bastante marcadas, como a viagem a Bienal de São Paulo em 2010 e a realização de uma exposição de Artes Visuais em que minha turma teve que produzir obras nesta área. Para a exposição tivemos, inclusive, um Vernissage. Este foi meu primeiro contato mais profundo com as Artes Visuais e aconteceu durante um módulo ministrado pela Professora Ma. Luciana Ferreira.

Na verdade foi bem diferente do que eu esperava ou pensava, e as Artes Visuais revelaram-se para mim como uma linguagem muito expressiva tal como o Teatro. Hoje entendo o sentido de tudo pelo que passei nos FTP's, ICH's e PA's, pois, estes espaços me fizeram perceber como as linguagens se comunicam entre si, como se encaixam umas nas outras e principalmente como o universo artístico é capaz de nos introduzir em muitos outros universos.

2.3 Projetos de Extensão

Retornar a Universidade após um ano de afastamento, não foi fácil, assim como retomar os estudos em uma nova turma. O que me causou um grande desconforto que mais tarde com todas as atividades desenvolvidas, acabou. Envolvi-me, neste recomeço com um Projeto de Extensão, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência PIBID⁴: "PIBID/ARTES Professor Dançante, a dança contemporânea dentro e fora dos muros da escola", onde fui

⁴ O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

bolsista por oito meses até março de 2014, sob coordenação da Professora Ma. Juliana Azoubel. Este projeto acrescentou muito para minha formação, principalmente por ser de uma área na qual não tinha menor afinidade ou experiência. Por outro lado, me capacitou para trabalhar a dança, seus processos e práticas, enquanto docente. Trabalhar a dança com o meu corpo mostrou-me novas possibilidades de ensino e também me fez refletir sobre a essência desta linguagem, valorizando seus processos muito mais que seus produtos finais. O PIBID foi um projeto que me auxiliou muito.

Além do mais, fiz por um período monitoria junto a Professora Da. Gisele Kliemann pelo Programa de Iniciação a Docência (PID)⁵, que tive como grande referência. Ela me transmitiu muita segurança e sob sua orientação, desenvolvi muitas atividades, como: pesquisas em movimentos e períodos artísticos, planejamentos de aulas, pesquisas em artigos como contribuição ao tema da aula apresentada, oportunidade de apresentação de trabalhos em Power Point na turma de calouros, participação direta junto à professora em sala e em propostas pré-organizadas. Tudo isso me oportunizou novos e diferentes olhares para as artes.

2.4 Estágio Supervisionado e Processo Seletivo Simplificado (PSS)

Minha experiência no magistério se deu logo no início da Universidade, como já foi mencionado anteriormente. A princípio, não entendia muito sobre planejamentos de aulas, sobre o universo artístico-pedagógico e não havia desenvolvido nenhuma pesquisa, prática ou teórica, que me auxiassem dentro das salas de aula ou fora delas, existia somente uma base muito superficial sobre o Teatro com poucas referências teóricas sobre ele.

Mesmo assim, através dos Estágios Supervisionados e do Processo Seletivo Simplificado (PSS) para o quadro provisório docente do Governo do Estado do Paraná, tive a oportunidade de trabalhar em três escolas, em turmas de 5^{as} e 6^{as} séries (atualmente, 6^{os} e 7^{os} anos). Assim, vi a necessidade de um entendimento detalhado sobre como trabalhar em sala de aula e em que deveria

⁵ O PID (monitoria) é uma atividade formativa de ensino voltada para o desenvolvimento de competências pedagógicas para o magistério e tem por objetivo oportunizar ao estudante atividades introdutórias à prática docente.

me respaldar, e constatei nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da disciplina de Artes que:

O ensino da arte deve basear-se num processo de reflexão sobre a finalidade da educação, os objetivos específicos dessa disciplina e a coerência entre tais objetivos, os conteúdos programados (os aspectos teóricos) e a metodologia proposta. Pretende-se que os alunos adquiram conhecimentos sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver pensamento crítico. A critério das escolas e respectivos professores, é preciso variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro (PCN 1997, p. 56).

Tendo em mente, as premissas legais do ensino de artes e com o auxílio dos professores da Universidade e colegas meus que já lecionavam consegui elaborar um planejamento para as aulas do primeiro semestre. Na prática, posso dizer que tudo funcionou bem, errava de um lado, acertava de outro; frustrava-me de um lado, alegrava-me de outro, e assim, fui me familiarizando com o sistema de ensino e, ao mesmo tempo me apaixonando, com algumas decepções. Fiquei desapontada com muitas coisas, como a relação ao descaso com a própria educação que pude observar em muitos docentes; com a falta de material e de infraestrutura das escolas; com o sistema educacional, que a meu ver é bastante falho.

Preocupava-me o tempo todo em ter planejamentos e resultados adequados e perfeitos para tentar minimizar essas defasagens percebidas por mim. Por um lado toda essa experiência acabou por me incentivar a ser melhor e a me fazer descobrir como poderia desempenhar um bom papel como professora de Arte, em qualquer ramo da educação.

3. EXPERIÊNCIAS FORA DA ESCOLA: Vivências paralelas

Minhas experiências como professora fora da escola, ou seja, em espaços não formais, se deu com o grupo artístico “Espaço das Artes”. Neste espaço, direcionado a crianças e adolescentes, acontecem oficinas de teatro, hip-hop, circo, percussão, fotografia, entre outras atividades. Depois de um semestre, como acadêmica do curso de Licenciatura em Artes, fui convidada a substituir um

professor de teatro e, resolvi aceitar o desafio. Antes disso, como já citado, havia ministrado algumas oficinas. Adotei como objetivo, montar uma peça que deveria ser apresentada pelas ruas da cidade de São José dos Pinhais/Pr.

Nesta oficina, participaram treze alunos e eles, ao contrário do que esperava, foram extremamente participativos. Apoiaram-me em todas as ideias que ofereci e ainda propuseram outras. Assim, juntos planejamos, organizamos e ensaiamos a peça escolhida. Ficamos surpresos com o resultado de todo o processo, que foi proveitoso. Depois disso participei das quatro edições seguintes como ministrante de teatro no “Espaço das Artes”, o que me trouxe inúmeras outras oportunidades de trabalho e de experiência. A parceria com este grupo acontece até hoje.



FIGURA 1 - Apresentação circense com o grupo Espaço das Artes em Itapoá/ SC. FONTE: SHEILA LOPES MARTINEZ, 2012

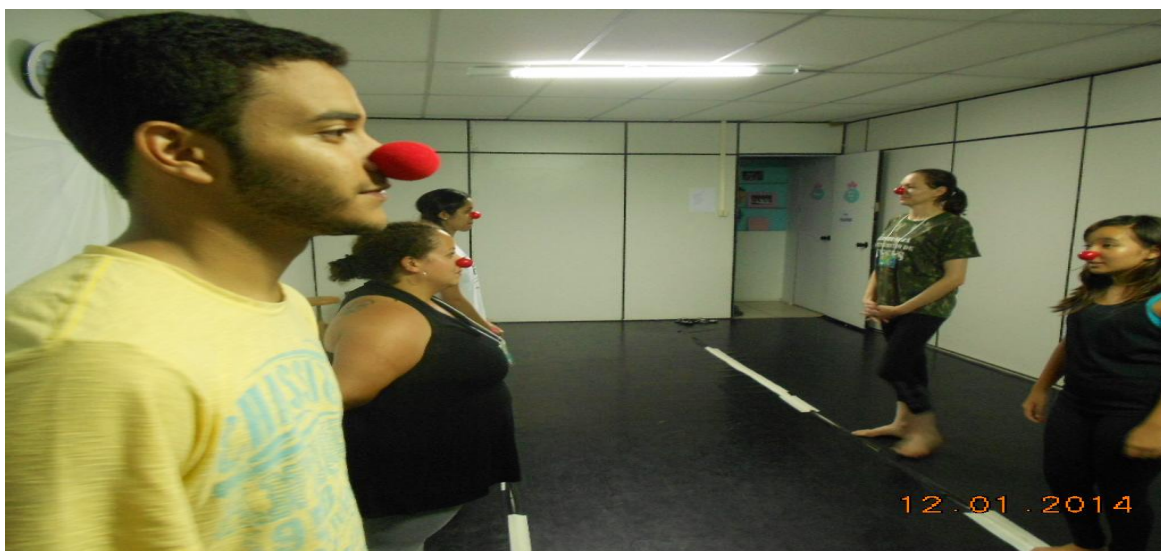


FIGURA 2 - Oficina teatral pelo Espaço das Artes, em POA/RD - FONTE: Sheila Lopes Martinez, 2014.



FIGURA 3 - Apresentação teatral com o grupo Espaço das artes, à direita Escola Pública MS e à esquerda em São José dos Pinhais/PR. FONTE – Rodrigo Martinez à esquerda e Fabio Diniz à direita.

3.1 Criações e Trabalhos Artísticos

As possibilidades e oportunidades de trabalho foram surgindo com o passar do tempo, principalmente após meu ingresso na Universidade. É de fato perceptível e relatado, o quanto as pessoas têm hoje um novo olhar sobre mim e sobre a minha trajetória. Aproveitei o quanto pude destas oportunidades e hoje tenho reconhecimento pelo meu trabalho, além de ter conhecido muitas pessoas envolvidas no universo artístico, o que me proporcionou um crescimento profissional muito bom.

Mesmo no período em que estava com o curso trancado, trabalhei com o teatro atuando junto a uma Cia de Teatro Infantil, denominada “Luz e Vida”, em Curitiba/PR., sob a direção de Mari Romero. Nesta companhia aprendi muitas coisas, como criar meus próprios personagens, produzir cenários e atuar como diretora. Mesmo longe da universidade, continuei pesquisando e estudando Arte e, discutia sua importância e seus processos com este grupo. Nesse período atuei nas seguintes peças: “Meu pequeno grande amigo” e “Tem ladrão no formigueiro”. Neste processo, criei a personagem “Cacau”, que deixei na Cia “Luz e Vida”, mediante um contrato. Continuei também ministrando aulas e oficinas no “Espaço das Artes”, criando peças e esquetes teatrais, sendo elas: “Mundo dos Loucos”, “A morte do Cangaceiro”, “Que quadro é esse?”, “O rabugento”, entre outras.

Ao retornar a UFPR Litoral, passei novamente a vivenciar novas experiências, já muito mais amadurecida. Logo, fui convidada a participar da peça

teatral “Do tamanho de um Defunto”, de Millôr Fernandes, peça que foi apresentada no “Festival de Teatro de Paranaguá”. Nestes últimos anos, ministrei também aulas e ofereci oficinas de teatro em vários estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná; sempre comprometida com uma arte teatral que deve ser entendida como um todo: direção, atuação, figuração, etc. Buscando sempre referências condizentes com uma arte próxima das pessoas e que provoque mudanças significativas, recorri a diversos autores, teóricos conceitos da educação e da arte. No momento tenho como principal referência de leitura a histórica *Commédia Dell’Arte*⁶, por estar de certa forma mais próxima ao público, mesmo com personagens fixos que causam identificação, pela inteligência, e por levar o teatro até as pessoas sem esperar por elas em um palco elitizado como sempre foi na história do teatro e como é em alguns lugares.

Busco através de propostas de Viola Spolin, com jogos teatrais que levam os alunos a uma descoberta de si, do outro e do mundo em que vivem. Fazendo com que vivam e revivam sua infância, busquem materiais em sua própria bagagem de vida, e façam do lugar onde vivem e jogam o seu palco da forma mais natural possível. Há também Augusto Boal, com sua visão do teatro político, que leva o aluno a enxergar o teatro como uma ferramenta para revelar uma realidade e provocar mudanças, teatro que dá lugar ao oprimido, teatro onde todos podem atuar, teatro que é feito no coletivo, que comunica e valoriza as pessoas.

Outra personalidade que busco sempre me apoiar é Jacques Lecoq com o “Clown”, que quer dizer palhaço em inglês para uns e que para este artista uma separação do palhaço de circo, que troca o picadeiro pela cena e pela rua. O Clown é um ser único, a criança que existe em cada um de nós, tão singular, mais que do seu jeito se encaixa em qualquer grupo, percebe o outro, olha no olho, busca o olhar, busca a atenção, é engraçado ou não. O universo Clownesco é cercado de estímulos que causam uma grande descoberta de si e do outro. Já presenciei inúmeras vezes pessoas chorando em jogos dinâmicos para construção do personagem “Clown” e também já vivi tal experiência. Além disso, sempre faço referências em minhas aulas sobre Constantin Stanilaviski, Bertolt

⁶ A ***Commédia Dell’Arte*** é uma forma de teatro popular que aparece no século XV, na Itália, e se desenvolve posteriormente na França, permanecendo até o século XVIII, quando da reforma goldoniana da comédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Commedia_dell%27arte Acesso em 28/4/2015.

Brecht, Jerzy Grotowski, a nível de colaboração para conhecimento e exemplo em alguns momentos.

3.2 Registro Profissional de Atriz

Com o passar do tempo, foram surgindo várias possibilidades profissionais, e em 2013 surgiu a oportunidade de participar de uma banca para obter a carteira profissional de atriz, junto ao Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Litoral do Paraná (SINATED). Não havia muito tempo, pois, estava envolvida a muitos projetos, como “Otelo”, de Shakespeare. Incentivada por muitas pessoas, uma vez que a profissionalização me ajudaria em outros projetos, resolvi me inscrever. Em uma semana me preparei, e a partir dos textos indicados pela comissão julgadora, fui considerada apta no teste.

De posse deste novo título, surgiu a oportunidade de participar de um novo projeto em Curitiba, sob a direção de Mari Romero. Neste projeto levávamos mensagens diárias para outras pessoas através de vídeos gravados pela RBC⁷. Esta foi minha primeira experiência em estúdio e gravação. Acredito agora que os títulos realmente oferecem a “abertura” para novas oportunidades e experiências, vindo sempre a somar positivamente. E minha carreira artística foi tomando corpo, conforme minhas atuações e vivências foram acontecendo.

4. ILHA DE SÃO MIGUEL, LITORAL DO PARANÁ: Relato de um Projeto

Independente dos temas que desenvolvi, desde o início dos PA's, todos tinham um mesmo objetivo final, ou seja, serem provocadores de algo que pudesse ter desenvolvimento numa comunidade. A ideia era sempre ajudar com as linguagens artísticas e estar presente nas comunidades.

Também, independente das escolhas ou pesquisas que fiz, todas serviram como degraus para um mesmo processo, todas me possibilitaram chegar ao final de minha graduação e me direcionar a novos anseios. O nome do meu último PA foi “Intervenções Culturais e Artísticas”. O objetivo principal era intervir culturalmente e artisticamente em alguma comunidade, utilizando o teatro

⁷ Ministérios RBC (Recursos bíblicos de comunicação) Meditações e reflexões diárias por meio de mensagens e vídeos. Disponível em: <http://paodiario.org/ministerios-pao-diario/historico-e-principios/> Acesso em 23/03/2015.

e o circo como meios condutores da Cultura e da Arte. A ideia de abordar essas duas linguagens artísticas ia ao encontro de um sonho, de dar continuidade a um projeto que já existia em parceria com meu companheiro, profissional da educação física. Unindo nossas formações e promovendo um encontro artístico entre elas, projetamos e testamos algo que pretendemos dar continuidade, em toda nossa vida.

Após as articulações necessárias com a comunidade e, depois de teoricamente ajustado o projeto, ele teve início no povoado Ilha de São Miguel, no litoral do Paraná. Esta ilha possui em torno de 300 habitantes e apenas uma escola pública, com 58 alunos que estudam no período da manhã, tarde e noite, e foi com estes estudantes que as atividades foram desenvolvidas. O projeto, que também visava uma troca cultural mais aprofundada com a comunidade, exigiu um maior contato com os moradores desta região, que vivem da pesca e artesanato.

No final do ano de 2013, após um contato com a direção do Colégio Estadual Povoado São Miguel, o Projeto “Intervenções Culturais e Artísticas” foi aceito e agendado para o segundo semestre do mesmo ano. Os alunos, professores e toda comunidade, além de receberem positivamente a proposta, participaram ativamente desta. A escola nos acolheu por uma semana e providenciou tudo o que necessitávamos para isso, inclusive as atividades do projeto fizeram parte da “Semana Cultural” da escola. O projeto aconteceu no contraturno. Importante salientar que a escola já possuía muitos materiais para a produção das atividades que o projeto propunha, como tatames emborrachados. Estes materiais se encontravam guardados e sem uso por falta de alguém que soubesse como utilizá-los. Neste sentido, o projeto auxiliou entre outras coisas, na utilização desses materiais utilizados em propostas junto aos alunos.

O projeto promoveu também a participação dos professores, de diferentes disciplinas, da escola, e estes estavam interessados em utilizar o circo e o teatro como ferramenta, uma vez que essas linguagens podem auxiliar no ensino da Matemática, Arte, Educação Física, Ciências, História entre outros. Acabou, neste caso, por deixar um legado no momento em que foi disponibilizado a estes educadores teorias e práticas que servissem como auxílio no planejamento de aulas diferenciadas.

O processo todo teve início com um workshop no qual o projeto foi apresentado aos alunos e interessados. Após esta etapa, foi agendada a semana de oficinas com a Arte Circense, que foi iniciada pelos malabares, acrobacias de chão e a organização para apresentação. Nos Jogos Teatrais, a oficina iniciou-se de forma muito descontraída, entrosando o grupo com exercícios de dinâmicas, apresentando-os de forma mais direcionada aos jogos teatrais e por fim encenações com improviso. Estas oficinas foram oferecidas durante uma semana e foram ministradas por mim e pelo meu companheiro.

O trabalho foi muito intenso e cansativo, pois se tratava de um aprendizado aprofundado, imerso em muitas informações sobre o circo e o teatro. Aproveitávamos o tempo de descanso para estreitar nosso relacionamento com os moradores da comunidade, o que ocorria nas rodas de fogueiras, na casa de artesanato, e no “Rancho”⁸. Houve um grande esforço para que todo o planejamento se desse como o combinado, embora cansativo para todos os participantes, os dias foram muito proveitosos.

Foram apresentados filmes e vídeos, como “Doutores da Alegria”, “Cirque Du Soleil”, entre outros e aulas práticas em PowerPoint para que o tempo fosse bem aproveitado e para que houvesse uma grande dinâmica entre os espaços. Na teoria, o teatro foi mostrado como uma arte um tanto antiga e inovadora, e é possível que muitos tenham tido ao menos uma experiência com ele durante sua vida, mas, é possível também que tal experiência possa ter sido traumática, pois a exposição sem a preparação pode causar isso. Assim, como já ouvi em alguns relatos, fazer com que o teatro desempenhe seu papel de fato é como uma missão dentro do projeto e, além disso, apresentá-lo de uma maneira diferente do esperado é mais gratificante e os tornam críticos sobre a própria realidade da comunidade. Segundo Augusto Boal: “todo teatro é necessariamente político. Os que pretendem separar o teatro da política, pretendem conduzir-nos ao erro, o que é político. (Boal 2011, p.11)

Para esclarecer o papel do teatro dentro de uma perspectiva inovadora, foram abordadas duas principais referências: Augusto Boal e Viola Spolin. Esta, através dos jogos teatrais propõem uma perspectiva que direciona, desinibe e

⁸ “Rancho” Grupo de pessoas reunidas para determinado fim, especialmente em jornada: rancho de peregrinos. Casa de reunião. <http://www.dicio.com.br/rancho/> Neste caso reunião de pescadores e moradores para roda de conversa descontraída após jornada de trabalho.

permite que o aluno de forma natural atue respeitando seu espaço, sua visão de mundo, levando em conta suas experiências pessoais, desconsidera-se o certo e o errado, promovendo a verdadeira atuação através da eliminação do medo, da aprovação/desaprovação e valorizando sua produção, permitindo que a arte teatral faça sentido para o aluno. Viola substitui o termo “ator” por jogador deixando desta forma o aluno mais a vontade. Sobre os jogos teatrais Spolin sugere que:

(...) o processo de atuação no teatro deve ser baseado na participação em jogos. Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. À medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em um jogador criativo. Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados. Os jogos não podem ser vistos somente como exercícios para o teatro mais como processo de aprendizagem que deve ser levado para o palco. (Spolin, 1979, pág. 43).

Boal no teatro político aproxima o público do ator, aliás, não faz diferença entre ambos, e faz com que a arte imite a vida, valorizando suas histórias e provocando mudança por meio da comunicação teatral, mostrando que todos sem exceção podem “fazer teatro”, e podem se comunicar através dele, podem ditar seu desfecho, ser participantes independente de quem sejam e do lugar que estejam, Boal em suas palavras menciona que:

A estética do oprimido, busca devolver, aos que o praticam, a sua capacidade de perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro [...] o teatro do oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação para ações futuras. Essas transformações podem ser buscadas em ações ensaiadas, realizadas teatralmente, como teatro que é, mas de forma não revelada, ao público ocasional de transeuntes, não conscientes da sua condição de espectadores. Provoca-se interpenetração da ficção na realidade e da realidade na ficção: todos os presentes podem intervir a qualquer momento na busca de soluções para os problemas tratados. (BOAL, 2011, p.5-9)

Desta forma, as aulas foram fundamentadas em teoria e prática fazendo com que o teatro se aproxime das pessoas, não isolando ator e plateia, mas todos

os indivíduos como parte do processo. Na teoria e na prática o aluno percebe o teatro diferente, inovador e como sendo uma arte que faz sentido para ele e para o meio em que vive, sendo uma ferramenta de transformação. “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!” (*Ibidem*).

Ao final de todo este processo, pude junto aos todos envolvidos, avaliar o mesmo como muito proveitoso e divertido, com boa organização, com participantes muito dispostos e disciplinados. Os alunos se mostraram bastante receptivos, gostaram muito de confeccionar os materiais de circo e, também de participar da produção teatral. A ideia era que ao final da semana, após toda a confecção dos materiais e depois de realizados todos os ensaios que tivessem como produto final, uma apresentação do trabalho. Isto causou certa ansiedade entre os participantes, que foi algo que tivemos que cuidar e controlar.



FIGURA 4: Alunos da Escola Estadual Povoado São Miguel/PR. - fonte: Sheila Lopes Martinez, 2013.



FIGURA 5 – Alunos e moradores do Povoado São Miguel, participantes da oficina circense -
 FONTE: Sheila Lopes Martinez, 2013

Os participantes viveram uma experiência muito diferente. Sensibilizaram-se individualmente e coletivamente, adotando atitudes de cooperação. Muitas das atividades propostas apresentavam a necessidade de trabalho em grupo e a confiança entre todos os participantes era fundamental. A apresentação superou expectativas e, em pouco tempo, todos ficaram muito à vontade e a comunidade foi muito participativa enquanto espectadora.

4.1 O Projeto e sua Idealização

A idealização e produção deste projeto só foram possíveis pela experiência já vivenciada com atividades circenses e de teatro, em cursos e em parceria com outros projetos, dentro e fora da UFPR Litoral. Tanto o Circo, quanto o Teatro são linguagens muito populares e reconhecidas em diversos lugares. Há em ambos, algo familiar, alegre, lúdico e onírico, elas estabelecem “aquilo que em sua

manifestação original se fundamenta na improvisação e na habilidade do ator”. (BOLOGNESI, 2006, pág. 16)

Sabe-se que em diversas culturas e regiões, o Circo é facilmente conhecido tal como o Teatro. Quando perguntamos a qualquer criança, por exemplo, se ela conhece o circo, provavelmente irá mencionar os famosos palhaços, malabaristas e acrobatas. Com o Teatro acontece a mesma coisa, sendo grandes as referências que as pessoas têm sobre a Comédia Dell’arte, uma vez que a mesma é uma modalidade itinerante e gratuita de teatro.

Partindo destes princípios, o projeto narrado neste memorial, utilizou muitas técnicas e atividades tanto circenses quanto teatrais, como as acrobacias de chão ou chamada portagem pelos profissionais da área, os malabares que são objetos utilizados para jogar no ar formando um desenho e os jogos teatrais que são brincadeiras/jogos divertidos com regras e objetivos.

Apropriando-se destas técnicas e linguagens, nossa pretensão foi a de tornar o teatro acessível a todas as pessoas possíveis, tornando-as mais do que meros espectadores, ou seja, participantes de sua história e realizadores de uma construção coletiva. “Todos os seres humanos são atores” (BOAL 2008, p.09) e também “o teatro é uma atividade vocacional de todos os seres humanos” (BOAL 2002, p. 28). Isto porque cada pessoa pode aprender a atuar, independente do papel que realiza ou do espaço que ocupa isso não é mero privilégio de profissionais, parte do entendimento dos atuantes.

Cabe salientar que o projeto não se limita somente às escolas, pois se aproveita de todas as oportunidades para difundir-se enquanto trabalho, acontecendo, tanto no contraturno das escolas como no ensino não formal, com várias possibilidades de públicos, sem limite de faixa etária. Desta forma, este projeto espera levar a todos os envolvidos, diversos conhecimentos históricos e culturais, sempre através do Circo e do Teatro.



FIGURA 6 – Alunos participantes da oficina de teatro e improviso.
FONTE: Rodrigo Martinez



FIGURA 7 - Alunos participantes da oficina de confecção de malabares.
FONTE: Sheila Lopes Martinez, 2013.

Ele propõe a teoria e a prática da arte, a execução de atividades físicas, a diversão, promovendo também a integração e a socialização de seus participantes. As apresentações, quando acontecem, são produtos finais que valorizam o trabalho realizado, promovendo novas experiências, despertando vocações. Segundo Spolin “todas as pessoas são capazes de atuar no palco. As pessoas que desejarem, são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco” (2001, apud Hartmann e Ferreira, 2010, p.50).



FIGURA 8 – Apresentação dos participantes das oficinas de circo e teatro.
FONTE: Sheila Lopes Martinez, 2013

Assim, com base em pensamentos como este, foi possível o envolvimento de todos de forma ativa nas atividades propostas, uma vez que foram e provavelmente serão atuantes e principalmente espectadores críticos, além de poderem fazer uma interação entre os alunos e o ambiente, ou seja, uma conexão entre sujeito e objeto, mostrando através da realidade a importância de se relacionarem. Não só o Teatro, mas Arte como um todo, pode estimular a percepção de que problemas e indagações podem ter diferentes soluções. A apreciação artística através do Teatro ou a vivência teatral por meio da Arte-Educação pode ajudar um indivíduo a desenvolver importantes aspectos de discernimento, de criatividade, do pensamento crítico em relação a sua própria vivência e realidade cotidiana. No geral, penso que pude como não só professora, mas como interventora, que pude entrelaçar de forma muito boa todos os objetivos artísticos e educacionais, pois, acredito que intervenções como esta direciona as pessoas a “caminhos que unam a vida cotidiana [...] com a linha de educação” (VASCONCELLOS, pág. 12, 1956). Faço esta reflexão sobre toda a prática, principalmente por pensar na importância que o educador ou Arte-Educador tem para a sociedade, e Paulo Freire elucida isso dizendo que:

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo [...] e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transmitir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, pág.22, 1996)

E essas possibilidades, no meu ver foram plantadas no povoado de São Miguel, e certamente continuará proporcionando conhecimento aos habitantes daquele lugar tão lindo e receptivo. Assim, a seguir apresentarei minhas últimas considerações sobre este memorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade mudou muito minha visão de mundo. Ela desconstruiu vários pré-conceitos em diversas coisas e ampliou sobremaneira os meus

horizontes. O que me levou a Universidade foi à necessidade de obter uma especialização mais aprofundada na linguagem teatral, no entanto, muito além desta especialização, vivenciei experiências além do que podia no início imaginar. Percebo o quanto o ensino de teatro contextualizado aproxima o aluno do que realmente é o teatro, não pelo exibicionismo ou pela exposição do “EU”, mais sim pelo teatro como ferramenta de comunicação, de transformação e inclusão do ser, valorizando sua opinião e levantando-o como agente de mudança na sociedade a começar no meio em que vive.

O que mais marca a minha trajetória acadêmica, revendo agora o processo como um todo, é o contato que tive com as outras linguagens artísticas, com as pessoas que estavam envolvidas em todos os espaços que vivenciei e todas as oportunidades que foram se abrindo desde o momento em que adentrei no Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

O aprendizado das outras linguagens artísticas me tirou do lugar confortável em que estava e me provocou a pesquisar outras áreas, assim como a licenciatura me apresentou a outros “mundos” possíveis, como a Educação. Esta profusão de concepções e ideias me envolveu ainda mais profundamente no universo teatral, que é político, artístico, comunicativo, educacional, social, coletivo e individual. Enfim, um universo de onde se estruturam outros universos. Dentro desse contexto, pude me descobrir como uma docente, como uma atriz e como uma eterna estudante e pesquisadora.

Neste sentido, meus projetos futuros estão baseados nas artes. Um deles é um projeto itinerante que possui no circo e no teatro seus principais fundamentos. Este projeto se baseia em outros já vivenciados, como por exemplo, no projeto desenvolvido na Ilha de São Miguel.

Este projeto foi para mim um grande marco. Ele foi o primeiro espaço em que pude desenvolver projetos desta natureza e a partir de seus resultados pude remodelar muitas de minhas idéias e promover mudanças profícuas para sua continuidade em outros espaços. Outro projeto é poder estudar em uma escola de dublagem em São Paulo e dedicar-me a carreira de atriz. Além disso, pretendo continuar envolvida com a educação formal, não-formal e informal e como sempre, me atualizar em diversos cursos. O curso de Licenciatura em Artes termina, mas minhas vontades e anseios com a Arte não tem fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. J. **Sociologia da Educação não-escolar: Reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática**. Porto, Portugal: Aprontamento, 1992.

BARBOSA, A. M. **Pesquisas em Arte - Educação: recorte sociopolítico**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.30, n.2, p. 299 - 301, 2005.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BOLOGNESI, Marcos Fernando. **Circo e teatro: aproximação e conflitos** – Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP, 2006.

CAPES, Ministério da Educação. **PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência** – Universidade Federal do Paraná, 2008. Acesso em 20/03/2015 – Disponível em: < www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid >

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

HARTMANN, Luciana; FERREIRA, Taís. Módulo 16: **História da arte-educação para licenciatura em teatro**. Brasília: Estão Gráfica LTDA, 2010.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. São Paulo: Papyrus Editora, 2003.

PARANÁ, Secretaria Estadual de Educação - **Diretrizes Curriculares da Arte para a Educação Básica**, Curitiba, 2008.

REVERBEL, Olga. **Oficina de teatro**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

SPOLIN, Viola – **Jogos Teatrais na Sala de Aula: Um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

UFPR, Universidade Federal do Paraná - **Educação por projetos**, UFPR Litoral, 2015. Disponível em: < <http://www.litoral.ufpr.br/portal/> > Acesso em: 20/03/2015.

UFPR, Universidade Federal do Paraná – **PID / Monitoria - Programa de Iniciação a Docência** – Coordenação de Políticas de Ensino de Graduação (COPEG), 2014. Acesso em 20/03/2015 – Disponível em: < www.prograd.ufpr.br/portal/copeg/pidmonitoria/ >

UFPR, Universidade Federal do Paraná - Projeto Político Pedagógico (PPP) - UFPR LITORAL, 2008. Disponível em: < http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf > Acesso em: 20/03/2015

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956 - **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação**, 10ª ed / Celso dos S. Vasconcellos. São Paulo: Libertad, 2003. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad; v. 1)